



Adaptação ao meio líquido com e sem a utilização de flutuadores

Michele Tiecher Bassani e Rossane Trindade Wizer,
Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹
Flávio Castro²

1 Autores, Curso, Universidade
2 Orientador

UFRGS **XXV SIC**
PROPESQ Salão Iniciação Científica
CS - Ciências da Saúde



INTRODUÇÃO

Ao se iniciar um programa de atividades aquáticas é necessário passar pela fase de adaptação ao meio aquático. Não são encontrados estudos que comparem os processos de adaptação com e sem a utilização de flutuadores entre crianças. Considerando essa questão, o objetivo desse trabalho foi de comparar o processo de adaptação ao meio aquático de crianças sem experiência prévia na água, com (CFLUT) e sem a utilização de flutuadores (SFLUT).

Já no grupo CFLUT, a adaptação ao meio líquido ocorreu de forma mais fácil e rápida. A maior parte da turma ficou independente pela piscina desde as primeiras aulas, descobrindo o local e seu próprio corpo. Confiantes com as bóias, pouco colocavam o rosto na água, posicionavam-se mais verticalmente e realizavam movimentos menos vigorosos de braços e pernas. As aulas foram dinâmicas, agitadas e participativas. Outra constatação em relação ao uso dos flutuadores é que os auxílios possibilitaram ao professor maior segurança das crianças e liberdade para ensinar.

METODOLOGIA

Utilizou-se da observação participativa como metodologia, sendo essa uma pesquisa do tipo qualitativa. Participaram vinte crianças de três anos de idade, divididas em duas turmas: com e sem flutuadores de braço. O programa de atividades aquáticas constituiu-se de duas aulas semanais, de 30 minutos de duração, por oito semanas. Todas foram gravadas em sistema de vídeo. As análises foram realizadas durante as aulas e assistindo-se os vídeos das mesmas.

CONCLUSÕES

Conclui-se que, com o uso dos flutuadores, os alunos movimentam-se mais na água. Motivados com sucesso da prática, acontece o aprendizado e o gosto pela modalidade, o que possibilita ao aluno dar continuidade às suas atividades aquáticas durante sua vida.

RESULTADOS

No grupo SFLUT a adaptação ao meio líquido e o progresso desses alunos deu-se de forma mais lenta, pois eles necessitaram de um tempo maior para ficarem mais seguros e independentes na água. As crianças passaram de modo mais lento pelas etapas de controle respiratório, flutuação, posicionamento corporal e conquista da confiança para se deslocarem na água. Sem auxílio dos flutuadores, os alunos necessitaram realizar movimentos mais vigorosos de pernas e braços nos deslocamentos.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Célia Regina Fernandes. **Atividades aquáticas para bebês**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999. COSTA, Paula H. Lobo da. **Natação e atividades aquáticas: subsídios para ensino**. São Paulo: Manole, 2010. DAMASCENO, Leonardo Graffius. **Natação para bebês: dos conceitos fundamentais à prática sistematizada**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994. FERNANDES, Josiane R. P.; COSTA, P. H. L. da. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Revista Brasileira de Educação Física Especial**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 5-14, jan./mar. 2006. FREUDENHEIM, A. M.; GAMA, R. I. R. B.; CARRACEDO, V. A. Fundamentos para elaboração de programas de ensino do nadar para crianças. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 61-69, 2003. GODALL, Teresa; HOSPITAL, Anna. **150 propostas de atividades motoras para a educação infantil (de 3 a 6 anos)**. Porto Alegre: Artmed, 2004. LANGENDORFER, S. J. & BRUYA, L. D. **Aquatic readiness: developing water competence in young children**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1995. RAMALDES, Ana Maria. **100 Aulas: bebê e a pré-escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.



**MODALIDADE
DE BOLSA**

PIBIC-CNPq